



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE MATEMÁTICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

**O LÚDICO NO ENSINO DA MATEMÁTICA NA EJA: um subsídio contra a
evasão escolar**

CASTANHAL-PA

2019

FÁBIO MONTEIRO DE SOUZA

**O LÚDICO NO ENSINO DA MATEMÁTICA NA EJA: um subsídio contra a
evasão escolar**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de graduado no curso
de Licenciatura Plena em Matemática da
Universidade Federal do Pará, *Campus*
Castanhal/PA.

Orientadora: MSc. Maria Eliana Soares

CASTANHAL/PA

2019

**O LÚDICO NO ENSINO DA MATEMÁTICA NA EJA: um subsídio contra a
evasão escolar**

Data da avaliação: _____ de _____ de _____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora
(Presidente):

MSc. Maria Eliana Soares
Faculdade de Matemática (Membro externo)

Membro:

Dra. Kátia Liége Nunes Gonçalves
Faculdade de Matemática - UFPA

Membro:

Dra. Gerlândia de Castro Silva Thijm
Faculdade de Matemática - UFPA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a todos que acreditam na Educação de Jovens e Adultos como oportunidade de reconhecimento e valorização de experiências, de reconstrução de vida e de desenvolvimento social.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus por ter me dado forças para chegar até aqui.

Agradeço a todos e todas que cruzaram meu caminho, e que somaram para esta realização.

Agradeço a comunidade da Escola Maria Pia dos Santos Amaral, que me acolheu como profissional e como pesquisador desta temática. Agradeço também a minha orientadora Pro^a MSc. Maria Eliana Soares pela disponibilidade em me acompanhar nesta etapa.

Agradeço especialmente aos estudantes e professora, colaboradores desta experiência, pois com suas práticas idealizamos coisas e realizamos outras, que me servirão de base para minha prática futura.

“Uma verdade matemática não é simples nem complicada por si mesma. É uma verdade” (EMILE LEMOINE).

LISTA DE SIGLAS

CF – Constituição Federal

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEB – Movimento de Educação Básica

MEC – Ministério da Educação e Cultura

UFPA – Universidade Federal do Pará

UNE – União Nacional dos Estudantes

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata sobre o lúdico como subsídio para o ensino da Matemática na EJA, na perspectiva de amenizar a evasão escolar. Refere-se a um estudo que desenvolveu-se em dois momentos: o primeiro na experiência do estágio supervisionado numa escola da rede estadual de Castanhal-Pará, o que causou a motivação para o estudo, e o segundo, a partir de uma pesquisa e produção bibliográfica sobre a temática. O estudo do tipo exploratório, de abordagem qualitativa teve como colaboradores estudantes e professora de Matemática de uma turma de 4ª etapa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram instrumentos de investigação as observações durante o estágio e uma entrevista do tipo semiestruturada com característica de roda de conversa, bem como livros impressos e *online*, que tratam sobre o assunto em questão. As informações adquiridas durante a experiência com a turma evidenciam que a evasão dentre outras razões também pode ser motivada pela forma fria como ocorrem as aulas, bem como, os referenciais como Novaes (1987); Gadotti e Romão (2002); Brasil (2004), Libâneo (2004), Teixeira (2010); Huizinga (2010); Santos (2011), dentre outros, que tratam da EJA e indicam que a Ludicidade pode desenvolver a aprendizagem de alunos adultos, desde que os jogos, os brinquedos e as brincadeiras aproximem os conteúdos às experiências da vida em sociedade, de modo que ensino e brincadeira não se invalidem no ensinar e aprender.

Palavra-chave: Educação de Jovens e adultos. Ensino de Matemática. Ludicidade.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC) deals with the play as a subsidy for the teaching of Mathematics in the EJA, with the perspective of reducing school dropout. It refers to a study that developed in two moments: the first in the experience of the supervised internship at a school in the state of Castanhal-Pará, which caused the motivation for the study, and the second, based on a research and literature on the subject. The exploratory study, with a qualitative approach, had students as collaborators and a Mathematics teacher from a group of 4th stage of Youth and Adult Education (EJA). Research papers included observations during the internship and a semistructured interview with a talk wheel, as well as printed and online books that deal with the subject in question. The information acquired during the experience with the class evidences that the avoidance among other reasons can also be motivated by the cold form as the lessons occur, as well as the references like Novaes (1987); Gadotti and Romão (2002); Brazil (2004), Libâneo (2004), Teixeira (2010); Huizinga (2010); Santos (2011), among others, who deal with the EJA and indicate that Ludicidade can develop the learning of adult students, provided that the games, the toys and the games approach the contents to the experiences of the life in society, so that teaching and do not get in the way of teaching and learning.

Keyword: Youth and adult education. Mathematics Teaching. Ludicidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. METODOLOGIA	13
1.1. QUANTO AOS OBJETIVOS	13
1.2. QUANTO À ABORDAGEM	13
1.3. QUANTO À POPULAÇÃO E AMOSTRA	14
1.4. QUANTO À COLETA DE DADOS.....	14
1.5. QUANTO À FORMA DE TRATAMENTO DOS DADOS.....	15
2. PONTOS E CONTRAPONTO: os relatos dos sujeitos.....	16
2.1 PROFESSORA.....	16
2.2 ALUNOS (AS).....	17
3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A EVASÃO ESCOLAR	19
3.1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E O AMPARO DAS LEIS	21
3.2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUA SIGNIFICAÇÃO	24
4. O LÚDICO NO CONTEXTO ESCOLAR DA EJA	27
4.1. O JOGO, O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA NA EJA	28
4.2. O LÚDICO NO ENSINO DA MATEMÁTICA NA EJA	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Este trabalho que tem como tema “O lúdico no ensino da Matemática na EJA: um subsídio contra a evasão escolar”, surgiu no momento em que realizávamos nosso estágio Supervisionado do Curso de Matemática pela Universidade Federal do Pará - UFPA - Campus Castanhal, numa turma de 4ª etapa na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Maria Pia dos Santos Amaral”, no distrito do Apeú, município de Castanhal/PA.

Um dos principais fatores que nos provocou indagações sobre a temática foi a diferença entre os alunos matriculados e os frequentes, o que nos instigou a buscar entender as causas dessa evasão dos estudantes, ao mesmo tempo em que nos despertou o desejo de buscar nos referenciais teóricos artefatos metodológicos como estratégias para manter a permanência do alunado na escola, surgindo assim, a proposta de tomar a Ludicidade na EJA como nosso objeto de estudo.

A problemática nos instiga a discutir a temática a partir do que nos inquietou naquele estágio, que durou aproximadamente seis semanas de aulas quando estivemos em contato com a turma, percebemos que matricularam-se 35 alunos, durante nosso estágio eram 22 alunos, e, no final do ano letivo constatamos que a turma terminou com 12 alunos.

No contato com a escola como servidor público, anualmente percebíamos a evasão de forma recorrente, de modo que, as turmas iniciavam o ano letivo com aproximadamente 40 alunos matriculados, e terminam com uma média de 15 a 20 alunos em sala de aula, daí surgiu a necessidade de entender os motivos que levam a “evasão” dos alunos na EEEFM “Maria Pia da Silva do Amaral” e paulatinamente recorrer a referenciais que tratam da Ludicidade como fuga da evasão escolar.

Durante as duas primeiras semanas observamos que, as aulas delimitavam-se a exercícios no quadro e atividades nos cadernos, fato que nos conduziu às indagações: **Não seria a forma como são desenvolvidas as aulas de Matemática na EJA que causa desmotivação nos alunos lhes conduzindo a evasão escolar? Que teorias podem subsidiar a Ludicidade no ensino e aprendizagem de alunos da EJA?**

Surgiu assim a ideia de buscar referenciais que fundamentassem sobre a inserção da Ludicidade no ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na intenção de refletir sobre as possibilidades metodológicas a partir da ludicidade que motivasse os alunos ao estudo e, amenizasse a evasão escolar.

Nessa perspectiva, o objetivo geral deste estudo é **identificar subsídios teóricos sobre a ludicidade no processo de ensino e aprendizagem de alunos da EJA**. Para tanto, foi necessário reconhecer a importância do lúdico na metodologia do ensino da Matemática; e, constatar se a prática pedagógica da professora contempla a Ludicidade a partir da concepção dos estudantes, e nos documentos que orientam sobre o ensino da EJA como estratégia motivadora do ensino e aprendizagem.

O trabalho foi realizado de forma teórica e prática, considerando o olhar dos estudantes sobre suas aulas de Matemática por meio de uma roda de conversa e por uma pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, pela qual revisamos a história da EJA, com o intuito de contextualizar e informar o leitor sobre a realidade teórica e metodológica sobre a Educação de Jovens e Adultos, sendo um estudo de abordagem qualitativa.

A relevância do estudo está em discutir os principais motivos da evasão escolar na modalidade EJA, e ainda adotar propostas atingíveis na prática escolar com o auxílio do lúdico nas aulas. Espera-se que a efetivação desta pesquisa possa subsidiar a escola para que ela busque conhecer melhor as demandas e fazer com que o processo educativo se torne menos distante do cotidiano dos jovens e adultos, contribuindo para a diminuição da evasão e para a formação de cidadãos.

Na parte introdutória são apresentados os argumentos motivadores do estudo. Na primeira sessão estão descritas as características, abordagens e métodos da pesquisa. Na terceira sessão discute-se sobre a EJA e a evasão escolar sob o amparo legal, e sua significação enquanto modalidade de ensino. Na terceira sessão aborda-se sobre o lúdico no contexto escolar da EJA, onde são enfatizados jogo, o brinquedo e a brincadeira no ensino da Matemática da EJA. E, finalmente nas considerações finais são expostas as ideias que ilustram nossa compreensão sobre o estudo realizado.

1. METODOLOGIA

1.1 QUANTO AOS OBJETIVOS

Quanto aos objetivos a metodologia utilizada para este estudo ramificou em duas etapas: a primeira de forma empírica a partir do estágio supervisionado, no qual obtivemos resultados a partir da observação diária e pela aplicação de um entrevista semiestruturada com os estudantes e a professora em forma de roda de conversa, a segunda, por meio de uma pesquisa bibliográfica, pela qual nos apropriamos de referenciais que subsidiam nosso olhar empírico e investigativo sobre a temática.

Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 183),

a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (LAKATOS, 2003, p. 183).

Dessa forma, consideramos a relevância dos achados bibliográficos, que satisfazem nossas curiosidades teóricas e contemplam nossos objetivos almejados.

1.2 QUANTO À ABORDAGEM DO PROBLEMA

De acordo com a abordagem do problema a pesquisa se deu com enfoque qualitativo, o que Lüdke & André (2003, p. 18) diz que essa forma de investigação “é rica em dados descritivos, é aberta e flexível e foca a realidade de forma complexa e contextualizada”.

E, Minayo (2007) considera como sendo uma abordagem preocupada com uma realidade que não pode ser quantificada; trabalha-se, portanto, com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Por esse motivo, para a questão, pode-se implementar para minimizar a evasão dos alunos da EJA, consideradas nesta pesquisa, pois trata-se de práticas de sujeitos.

1.3 QUANTO À POPULAÇÃO E AMOSTRA

A pesquisa envolveu alunos e a professora de Matemática de uma turma da 4ª etapa da EJA, na Escola Estadual “Maria Pia da Silva Amaral”, no município de Castanhal/PA, que durante o estágio frequentavam 22 alunos.

1.4. QUANTO À COLETA DE DADOS

No primeiro momento realizou-se a observação da situação didática, com o objetivo de analisar as relações estabelecidas em sala de aula, e ainda para observar a realização da metodologia da aula ministrada, envolvendo a professora, os alunos e o ensino dos conteúdos matemáticos.

Em outro momento, desenvolveu-se a entrevista, a partir de uma roda de conversa, que ocorreu separadamente com a intenção de adquirir informações sobre o ensino e aprendizagem a partir das percepções dos sujeitos envolvidos. Os dados foram coletados por meio da técnica de entrevista semiestruturada, que direcionou apenas perguntas abertas, e os entrevistados tiveram a possibilidade de responder livremente sobre assunto em questão.

Para isso, Lakatos (2003) fala da preparação da entrevista, que é uma das etapas mais importantes da pesquisa, requer tempo e exige cuidados, como: o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a alcançar; escolha do entrevistado, neste caso, os estudantes; deve ter familiaridade com o tema pesquisado, no caso já observávamos o problema da evasão pelo contato direto na função de servidor público; e a oportunidade da entrevista, que no caso foi a realização dos estágios. Por outro lado, Gil (1999) enfatiza que:

a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, pensam, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (GIL, 1999, p.113).

Dessa feita, em relação especificamente às entrevistas, vale dizer que elas foram realizadas conforme data marcada com os informantes. Apenas alguns alunos concordaram em participar.

Antes de iniciá-las informamos aos entrevistados o objetivo da investigação a fim de que pudessem colaborar com satisfação e ao mesmo tempo esclarecer as

questões que já havíamos problematizado nas observações. Desse modo, as entrevistas com os alunos e professora foram realizadas no próprio ambiente institucional no horário de aula.

1.5. QUANTO À FORMA DE TRATAMENTO DOS DADOS

Para o tratamento dos dados qualitativos da pesquisa, conforme orientação de Lüdke (2003), considerou-se evidências múltiplas obtidas durante a pesquisa, ou seja, os relatos, as transcrições de respostas e demais informações disponíveis e analisadas, levando-se em conta os objetivos do trabalho. Para Lüdke e André (2003), na pesquisa qualitativa, o processo, as perspectivas dos sujeitos observados são mais importantes do que o produto.

Bogdan & Biklen (2010, p. 205) destacam:

[...] a análise de dados é o processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.

A etapa de análise foi a parte das descobertas, do relato das informações que constam apenas na memória dos entrevistados. Todavia, essas informações são relevantes e porque auxiliaram uma nova visão sobre a evasão da EJA, que muito já se discutiu ao longo do tempo, mas pouco se mudou nesse quadro.

A produção desencadeada neste trabalho faz uma reflexão teórica com base em autores que discutem a Ludicidade na EJA, na busca de encontrar subsídios que possam dar suporte metodológico que aproxime os estudantes adultos aos elementos que auxiliem o ensino e enriqueçam a aprendizagem.

Nesse sentido, se fez necessário desenvolver esta pesquisa nesta área, na perspectiva de poder contribuir significativamente com um aporte reflexivo para a questão, e especificamente para a modalidade EJA, e assim adotar as contribuições do lúdico para implementação na prática docente, podendo no processo suprir a lacuna que existe para os que fazem a escola, e constantemente questionam a realidade da evasão dos alunos da EJA.

2. PONTOS E CONTRAPONTO: os relatos dos sujeitos

Embora tenhamos percebido a existência de relações cordiais entre alunos e professores, os estudantes evidenciaram insatisfação com os conteúdos matemáticos. Entretanto, algumas atitudes, demonstraram certo descaso, tanto com a figura do discente quando a professora evidencia uma postura rude e indiferente com os alunos, quanto com a docente, pois em alguns momentos de explicações do conteúdo, os alunos não eram satisfeitos em suas dúvidas, assim como, em outros momentos, alguns estudantes se ausentavam da sala de aula para ficarem conversando nos corredores.

2.1 PROFESSORA

A professora expressou **incomodação ao perceber a ausência de alguns alunos rotineiramente** e disse que muitos só apareciam no dia das provas, e quando ela perguntava as razões eles sempre justificavam indicando como possíveis motivos da não presença na aula, o trabalho, o cansaço ou mesmo por estarem doente, e até viajando. Também no relato a mesma demonstrou preocupação com os alunos, falou da importância da escola pra vida deles, disse que se prepara para as aulas e gostaria que eles fossem mais participativos, por isso se reconhece contribuir na aprendizagem dos mesmos.

A professora considera vários **elementos causadores da evasão** dos alunos, dentre os quais ela elencou o trabalho, o cansaço, o peso da família, a dificuldade na aprendizagem dos conteúdos, e até mesmo, a forma como a escola se estrutura com horários de aula e avaliações, o que deixa claro que a professora não concorda com a maneira como a escola se organiza para a EJA.

Mas, ao perguntar **se pudesse mudar em suas práticas** para segurar os alunos em sala de aula, para nossa surpresa, ela não se dispôs a mudar em nada, segundo a mesma ela corresponde ao que os alunos precisam para aprender.

E, na oportunidade indagou-se sobre seu **pensamentos sobre a utilização de jogos nas aulas de matemática**, e a resposta foi bastante enfática, argumentando que os jogos com adultos não funcionam, exclamando ainda: *“Eles querem é chegar na escola e estudar mesmo”*.

2.2 ALUNOS (AS)

A conversa com os estudantes desenvolveu-se de forma descontraída, embora tenham participado apenas seis alunos, a riqueza como estes expressaram suas ideias nos deixou satisfeito com à atividade.

Assim, sobre seus **sentimentos ao retornar à escola** depois de algum tempo, todos demonstraram satisfação e resumiram seus sentimentos a partir das palavras: alegria, realização, oportunidade e recomeço.

Ao indagar sobre as **causas das faltas dos alunos**, alguns se reportaram as suas dificuldades pessoais e sociais, pela necessidade de trabalharem, mas também reforçam em seus relatos que as aulas deveriam ser mais animadas, pois como expressou uma aluna “*Difícil já basta a vida*”, e outra que se manifestou dizendo, “*Às vezes parece que até a professora vem obrigada pra cá*”. Outros relataram situações de distância o que gerava cansaço e desânimo.

Os relatos dos alunos nas entrevistas, evidenciaram que os conteúdos se tornam repetitivos, pelo fato deles já terem presenciado os mesmos conteúdos devido às reprovações de anos letivos anteriores, e ainda na repetição do copiar sem uma prática diferenciada, com isso os alunos se desanimam e acham que não tem que estudar esses mesmos conteúdos.

E quando contra argumentou-se porque eles sentiam-se obrigados a estudar, a resposta foi quase que unânime “*Porque é a única forma de mudar de vida*”, expressão que valida a importância da EJA como modalidade de ensino, e coloca sobre a escola a responsabilidade de propiciar um ensino que corresponda com a realidade do seu público.

E, com relação ao que **acham das aulas de Matemática**, suas respostas foram enfáticas, e mediante o exposto pelos estudantes alguns caracterizaram como “chatas” e monótonas. Um deles chegou à expressar “*Ao mesmo tempo que tenho medo também tenho é raiva da Matemática*”. E, a maioria afirmou que deveriam ser mais animadas, que a professora ensinasse com mais alegria.

Acredita-se que um trabalho onde o lúdico esteja presente na concepção de ensino para os alunos da EJA, seja a melhor forma para superar essas queixas que

nos foram relatadas pelos estudantes, que segundo eles, as aulas de Matemática são muito sérias, que eles não conseguem entender os assuntos e se perguntarem a professora explicará do mesmo jeito.

Essa percepção dos alunos se evidencia ao se referirem às provas, a forma como alguns professores trabalham, aos conteúdos difíceis, até mesmo do horário, pois alguns dizem que chegam atrasados por causa do trabalho, e sempre eram chamados atenção por isso.

Já com relação ao **modo de auxílio da professora**, todos reconheciam que a professora auxilia no desenvolvimento deles, apenas uma aluna respondeu, que a professora poderia fazer mais, pois segundo a aluna, ela as vezes demonstra falta de prazer para ensinar.

Na sequência indagou-se sobre suas **expectativas com relação as aulas de Matemática**, e foi unânime a expressão “*eu já estou reprovado*”, e logo em seguida argumentaram que a forma como é ensinada a Matemática, eles acham muito difícil, e por isso tiram notas baixas.

Partindo desses argumentos, os alunos **pensam sobre a evasão**, que inicialmente não sabiam o que era, mas ao explicar sobre o assunto, eles mais uma vez relataram que a evasão ocorre por todas as dificuldades que os alunos apresentam, desde a distância, o trabalho e os conteúdos difíceis.

O cansaço do trabalho, o fato de estudarem a noite, outro caso que causa a evasão escolar na EJA é a questão da idade, pois alguns dizem “*Não tenho mais idade para estudar*” (fala de um aluno mais velho), cuja fala expressa que o mesmo está na escola, mas não por satisfação em estar ali, o que necessita da escola uma ação motivadora, que ressignifique a participação dos alunos.

Sem contar que este público, em geral, vive uma história de exclusão, na qual, muitos retornam os seus estudos repletos de barreiras, com lembranças do fracasso escolar, muitas vezes proporcionado pelo insucesso na disciplina de Matemática ou outra, acredita-se que há a necessidade de se desenvolver propostas dedicadas a estudantes jovens e adultos, que possam ultrapassar esses mitos e limitações, e uma das saídas é um ensino com o apoio do lúdico.

3. A EJA E A EVASÃO ESCOLAR: reflexões teóricas

Nesta seção serão desenvolvidos argumentos teóricos que ora confirmam as desabafos dos sujeitos investigados, ora justificam suas ideias, e em outras apresentam subsídios propositivos para a prática docente com estudantes adultos, de modo que, essa prática contemple o nível de maturidade desses educandos, sem deixar de lado suas essências humanas.

Sendo a Educação de Jovens e Adultos (EJA) uma modalidade da Educação Básica que absorve alunos tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, oportunizando acesso a escolarização às pessoas que não tiveram condições de concluir ou continuar os estudos na idade própria.

Devido a necessidade de conciliar estudo e trabalho muitos não conseguem concluir a Educação Básica, outros até tentam, mas a desistência é recorrente, por isso, “a evasão escolar está dentre os temas que, historicamente, fazem parte dos debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira, e que ainda ocupa espaço de relevância no cenário das políticas públicas da educação” (JESUS MARTINS & MELO, 2012 *APUD* FEITOSA, 2012).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação é bastante clara a esse respeito.

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1997, p.2).

Contudo, o que se vê na realidade é que cada vez mais a evasão escolar vem adquirindo espaço nas discussões e reflexões realizadas pelo Estado e pela sociedade civil, em particular, pelas organizações e movimentos relacionados à educação no âmbito da pesquisa científica e das políticas públicas.

Sabe-se que nas últimas décadas o mercado de trabalho vem elevando seus critérios de seleção e demandando uma força de trabalho com um patamar superior de escolaridade e de qualificação profissional. Esta demanda está associada a inovações organizacionais e técnicas que vêm sendo implementadas nas empresas, assim como a alterações no padrão produtivo.

Outra característica do cenário contemporâneo é a diminuição de postos de trabalhos e a elevação do desemprego. Este cenário faz com que os indivíduos para não serem excluídos do mercado de trabalho, nem se tornarem vítimas do desemprego, procurem se qualificar, e um dos meios para essa qualificação é a procura pelo saber sistematizado, visto que a sociedade capitalista tem exigido do trabalhador uma constante capacitação e segmentos educacionais mais elevados, ampliando consideravelmente o processo discriminatório no interior do mercado de trabalho, sobretudo entre distintas faixas etárias (Jovens e Adultos).

Essa elevação nos requisitos de qualificação, advindos do mercado de trabalho capitalista, levaram as pessoas a conceber a educação como instrumento de ascensão social e econômica, pelo fato dos empregos com melhores salários exigirem trabalhadores com maior instrução e qualificação. Nesse sentido, os indivíduos, especificamente das classes populares, sentem necessidade de prepararem-se para o mercado de trabalho, procurando retornar aos bancos escolares para elevar o nível de escolaridade e qualificar-se profissionalmente.

E a implementação da modalidade EJA tem sido um desafio para a maioria destas instituições, visto a dificuldade em garantir a permanência dos discentes, pois muitos retornam à unidade escolar a fim de concluir a educação básica e se qualificar, vislumbrando atender às exigências do mercado trabalhista.

Entretanto, boa parte não consegue lograr êxito em permanecer estudando, pois quando se deparam na sala de aula, são tratados como crianças com um ensino como quem alfabetiza crianças, e isso prejudica-os e eles acabam abandonando a escola, e seu objetivo de se tornar um profissional qualificado.

O educador, independentemente do tipo de educação, formal ou não-formal, é necessário ter o conhecimento de uma teoria que sustente o processo de ensino. Somente um educador com a concepção de formador de pessoas é capaz de se preocupar em desenvolver um ensino de qualidade, que envolva os alunos nos processos escolares de forma significativa para a vida.

Entretanto, a realidade da EJA é de uma modalidade que não é vista como prioridade, ao menos a de nossa realidade profissional como servidor público, onde

percebemos que parte dos professores atuam nessa modalidade como complementação de carga horária.

A esse respeito asseveram Gadotti e Romão (2002) que:

os professores que trabalham na EJA, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou pertencentes ao próprio corpo docente do ensino regular. Note-se que, na formação de professores, em nível médio e superior, não se tem observado preocupação com o campo específico da educação de jovens e adultos. Deve-se também considerar as precárias condições de profissionalização e de remuneração dos docentes. São elementos fundamentais: tanto a profissionalização quanto a formação adequada dos professores de jovens e adultos. Não se obterá ensino de qualidade sem um corpo docente qualitativamente preparado para o exercício de suas funções e, muito menos, com precária situação no que respeita à remuneração e condições de trabalho (Comissão Nacional de Educação de Jovens e Adultos, 1994 apud GADOTTI; ROMÃO, 2002. p. 122).

Assim, pensar na EJA, é compreender que a aprendizagem se dá de forma contínua ao longo da vida, é analisar a realidade social, cultural e econômica dos sujeitos que integram essa modalidade, e criar um sistema de ensino que se identifique com as características da própria EJA.

3.1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E O AMPARO DAS LEIS

Quando se fala do cenário da EJA e, conseqüentemente, do perfil dos educandos nos deparamos com sujeitos de diversas faixas etárias, e com inúmeras histórias de vidas que por diversos motivos foram excluídos da escola “regular”, ou que pelo ingresso no mercado de trabalho evadiram-se dela.

Tendo em vista propiciar uma discussão sobre tais parâmetros entre os professores da rede pública de ensino, foi criado pelo MEC em 1999, o Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado “Parâmetros em Ação”, também conhecido como “PCNs em Ação”, tendo como finalidades:

apresentar alternativas de estudos dos Referenciais Curriculares, a grupo de professores e a especialistas em educação (...), Contribuir para o debate e a reflexão sobre o papel da escola e do professor na perspectiva do desenvolvimento de uma prática de transformação da ação pedagógica. Criar espaços de aprendizagem coletiva, incentivando a prática de encontros para estudar e trocar experiências e trabalho coletivo nas escolas. Identificar as ideias nucleares presentes nos Referenciais Curriculares e fazer as adaptações locais necessárias, atendendo às demandas identificadas no âmbito do estado/município ou da própria escola (BRASIL, 1999, p.09).

Diante do exposto, nos vem a curiosidade de entender como os professores reagem diante do que é proposto nos cursos, formações e outros documentos, pois sabe-se que a EJA, por ter sofrido ao longo desses anos, o descaso das políticas públicas, não apresenta clareza por parte das Secretarias de Educação Estaduais e Municipais, no que se refere à aplicação dos recursos destinados a esta clientela, à especificidade deste atendimento e à superação das propostas imediatistas.

As diferentes experiências que ainda assim, ocorrem no país, já têm alterado a vida escolar dos alunos da EJA, pois cada vez mais, os adolescentes e jovens ingressam prematuramente no mercado de trabalho, interrompendo o ciclo previsto de escolarização básica. Isso exige uma reflexão mais profunda destas mudanças, além da urgência de uma revisão da educação do próprio sistema.

A realidade Nacional, hoje, tem deixado cada vez mais claro a necessidade de uma política permanente de EJA, que não se limite apenas na superação do chamado analfabetismo. A isso, além de pessoas que leem e escrevem, o mundo está cada vez mais a exigir pessoas que pensem os processos de mudanças pelos quais passamos, para que possam ser sujeitos críticos de sua aprendizagem, e não apenas objetos.

O Plano Decenal de Educação para todos, propõe uma educação voltada para os exercícios ativos dos direitos da cidadania. O conceito de cidadania subjacente a este programa não se limita àquele conceito restrito ao seu aspecto jurídico, de cunho moralizante que, oriundo de uma concepção burguesa, foi se configurando no decorrer histórico, num projeto de dominação da maioria da população.

O conceito de cidadania é aqui concebido como igualdade política, econômica, jurídica, social e cultural. Cidadania compreendida como processo de construção social forjado no interior da prática social dos movimentos populares. Implica assim, a conquista do direito ao atendimento de todas as necessidades básicas da pessoa humana, e supõe a construção da identidade de cada um.

Neste sentido ainda, neste documento entende-se que há necessidade de sistematização da EJA, com alerta para o fato de que “faz-se necessário estruturar e

institucionalizar programas alternativos de educação continuada, com o objetivo de reduzir o contingente atual e elevar os níveis médios de escolaridade dos jovens e adultos subescolarizados” (BRASIL, 2003, p. 49).

Quanto à operacionalização destes programas, estes deverão ser compatíveis com uma política voltada para a descentralização e autonomia. Há que se dizer, que ainda há uma ênfase no que diz respeito à necessidade de se promover e ajustar cada vez mais uma educação, que vá ao encontro do aluno, aqui em especial jovens e adultos e é assim que: “a variedade de contexto da clientela requer grande mobilidade de meios de atendimento de constantes ajustamentos às disponibilidades de tempo e possibilidades do educandos” (BRASIL, 2003, p. 49).

A Lei 9394/96 que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, assegura aos jovens e adultos, em seu artigo 4º uma educação com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, além de garantir a oferta de Ensino Noturno Regular. Contudo, não se presencia isso na prática.

Como consequência da trajetória da educação no Brasil, especialmente no campo da educação de pessoas jovens e adultas, se presencia um certo descaso, embora; “a EJA represente uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus trabalhos e cultura” (UNESCO, 2000).

Nesse aspecto, Silva e Arruda (2011) relatam que “a EJA vem progredindo gradativamente, enfrentando, várias mudanças nas áreas administrativas pela Legislação Federal na Lei nº 10.880 de 09 de junho de 2004 na qual o Art. 3º diz:

Fica instituído o programa de apoio aos sistemas de ensino para atendimento a Educação de Jovens e Adultos, no âmbito do Ministério da Educação, a ser executado pelo FNDE, com o objetivo de ampliar a oferta de vagas na educação fundamental pública de jovens e adultos, em cursos presenciais com avaliação no processo, por meio de assistência financeira, em caráter suplementar, aos sistemas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal.

Observa-se assim, que a lei postula garantindo apoio com o objetivo de ampliar a oferta e melhorar o ensino. Assim, ao retomar a questão da EJA, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) - 9.394/96, no artigo 37; retrata a

oferta do ensino às pessoas que a ele não tiveram acesso na idade própria, contemplando assim a população jovem e adulta.

Essa determinação legal, para esta modalidade de ensino ainda é vítima de muitos desafios que precisam ser superados. O fato da instituição escolar não considerar as peculiaridades dos discentes da EJA, constitui uma variável relevante a ser analisada para que essa superação possa realmente ocorrer.

Um aspecto fundamental prescrito pela Lei 11.741/2008, é o destaque dado à articulação da EJA com a educação profissional, com nova redação ao Artigo 37 § 3º da Lei 9.394/96, determinando que “a educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional”, e ao Artigo 39, indicando que “a educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia” (BRASIL, 1996, Arts. 37 e 39).

Nesse caso, entende-se que, a alteração advinda da Lei 11.741/2008 constitui-se instrumento importante, pelo fato de proporcionar às pessoas, principalmente aos jovens e adultos, a oportunidade de se capacitarem através de cursos técnicos, tendo em vista a exigência de qualificação imposta pela reestruturação na organização do trabalho. A esse respeito descreve Carvalho (2003, p. 67):

[...] um dos dilemas enfrentados pelo século XXI é o da sociedade centrada no crescimento sem emprego. As tentativas de explicar e de resolver esse dilema apontam consensualmente para a qualidade da formação profissional, uma vez que o pressuposto é de que os empregos que agora são criados tendem a exigir um aumento de qualificações.

Estas exigências estão vinculadas, intrinsecamente, ao modo de produção capitalista que requer um trabalhador polivalente, criativo e inovador para atuar no mercado de trabalho.

3.2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUA SIGNIFICAÇÃO

Antes de falar especialmente sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), é necessário fazer uma breve incursão na história com o objetivo de refletir sobre a importância da modalidade no Brasil, percebendo no processo histórico o perfil,

expectativas, especificidades e vivências que apontam para o movimento de construção de uma proposta pedagógica impar para a EJA. Em contrapartida, entender que essas características podem contribuir para compreender na contemporaneidade suas dificuldades, demandas e seus limites é um desafio, pois, ao percebermos como foi construída historicamente a escola para os Jovens e Adultos, é possível entender a escola que temos e a que queremos diante da problemática citada. Sobre o assunto (LIBÂNEO, 2004) defende:

sem dúvida, uma escola bem organizada e gerida, cria e assegura condições pedagógico-didáticas, organizacionais e operacionais que propiciam o bom desempenho dos professores e o sucesso na aprendizagem escolar. O modo como a escola funciona, suas práticas de organização e gestão faz diferença em relação aos resultados escolares dos alunos (p.10).

Diante dessa inquietação, pensa-se a EJA, enquanto educação que deve ser defendida como um fenômeno da ação política e social, Libâneo (2008) define que:

educação de qualidade, é aquela que promove para todos, o domínio de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, à constituição da cidadania, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (p.66).

Dessa forma, destaca-se que é imprescindível não refletir em uma educação que iniciou como a EJA, que nasceu no Brasil colônia, juntamente com a Educação elementar comum (educação para a criança ler e escrever), é antiga e surgiu com os religiosos para atender a parcela significativa da população que não conseguiu e não consegue concluir o ensino fundamental na idade escolar, nos diferentes cursos. Ela é fruto da exclusão, da desigualdade social, são demandatários da Educação de Jovens e Adultos, aqueles que não tiveram acesso à escola na idade própria, os que foram reprovados, os que se evadiram, os que precisavam trabalhar para auxiliar a família e por outros motivos equivalentes.

Conforme Brasil (2002), a EJA iniciou com a Constituição Federal (CF) de 1824, baseada na europeia, onde tinha no seu bojo, “a educação primária gratuita para todos os cidadãos”. Tal questão foi sendo respaldada nas sucessivas constituições brasileiras apenas a gratuidade, no entanto, a história da educação no

Brasil, mostra que nunca vinha sendo colocada em prática esta prerrogativa, pois o que sempre se viu, é que a educação restringia-se as classes mais privilegiadas.

Ajudando-nos a entender esse contexto disposto de acordo com (LIBÂNEO, 2004), onde ele coloca que o modelo econômico segue a lógica da subordinação da sociedade as leis do mercado, visando a lucratividade, para o que se serve da eficiência, dos índices de produtividade e competitividade. Em consequência, são afetadas a organização do trabalho e o perfil dos trabalhadores, repercutindo na qualificação profissional, nos sistemas de ensino e nas escolas (LIBÂNEO, 2004).

Percebe-se que a questão econômica é muito forte e reflete nas demais questões, interferindo positiva ou negativamente no curso das coisas. Uma questão percebível nesse contexto, é a situação ocorrida a partir de 1920, em que diversos movimentos civis e oficiais, lutaram contra o analfabetismo, a pressão era em decorrência da industrialização que necessitava de mão de obra qualificada, da urbanização, e ainda da importância em manter a ordem social nas cidades.

Desde aquela época políticas públicas foram implementadas, entretanto, o ensino da EJA parece cada vez mais distante do que propõe a realidade de estudantes adultos que buscam na escola a oportunidade de mudar de vida. Os professores não recebem capacitação voltada para a realidade da EJA. Os conteúdos mantêm-se voltados para as avaliações externas, as avaliações internas não consideram as habilidades natas dos estudantes, as práticas metodológicas não considera as experiências pessoais e profissionais dos estudantes, e estes por sua vez vê a escola como um espaço necessário apenas para adquirir uma certificação.

Mudar essa realidade no sistema educacional faz-se necessário, mas deve ser uma luta constante e coletiva. O estado deve sentir o peso da incumbência de seu papel executivo da educação escolar; a escola, deve assumir seu papel social de mudar suas práticas e considerar as experiências dos estudantes adultos como fonte enriquecedora das práticas docentes, envolvendo nessas práticas atividades lúdicas, que sirvam de motivação para uma aprendizagem mais prazerosa e significativa; e os estudantes, por serem adultos, devem usufruir desse espaço com responsabilidade, cobrando o que for necessário, mas também cumprindo com suas obrigações enquanto aprendizes.

4. O LÚDICO NO CONTEXTO ESCOLAR DA EJA

O ser humano, em todas as fases de sua vida, está sempre se desafiando, descobrindo e apreendendo coisas novas na interação que faz com outros semelhantes, no dia a dia, para garantir a sua sobrevivência e integração na sociedade contemporânea como sujeito partícipe, crítico e criativo nas atividades cotidianas através do lúdico.

Nesse aspecto o aluno adulto ao reingressar na escola precisa sentir que esta tenha um significado prático, que lhe cause prazer em estar lá, e que os saberes aprendidos na escola possam ser redimensionados à sua vida pessoal, profissional e social, de modo que a escola seja vista como um espaço de transformação social. Assim, o ensino do aluno adulto não pode ser algo estanque, distante de sua realidade, mas um processo de construção lógica, coerente e significativo, e que o ensino e aprendizagem seja alegre, contagiante, motivador.

Nessa perspectiva, compreende-se que o lúdico é dado relevante, pois o brincar, expressar-se, cuidar-se, agir e responsabilizar são partes do todo de cada indivíduo e gradualmente vão se desenvolvendo e aperfeiçoando no contato consigo e com outras pessoas. Nesse caso, a brincadeira envolve atividades que propiciam uma experiência saudável.

Nesse caso, a interação e apropriação do que se busca com o conhecimento é uma ação conjunta, que se dá entre as pessoas que se comunicam, e nesse caso dos alunos acredita-se que, por meio das brincadeiras, satisfazem seus gostos, interesses, desejos e necessidades que levam-na a inserção no mundo dos saberes.

Dessa forma, é importante destacar que o lúdico é uma forma pela qual desde os primeiros passos da escolaridade, a aprendizagem flui com leveza, passa pela interpretação do corpo, e tem como diretriz oportunizar ao educador a compreensão do significado e da importância das atividades, e no caso da EJA ela instiga a aprendizagem de forma mais lógica, desde que o brincar seja intencionado por objetivos claros em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem.

Assim, é importante aprender com o sentimento de alegria, pois a utilização de brincadeiras no processo de ensino na EJA é preponderante, brincadeiras e

jogos são conteúdos que são ensinados para desenvolver a imaginação, a criatividade no processo pedagógico, nas atividades lúdicas, pois possibilita uma aprendizagem significativa no desenvolvimento educacional.

O lúdico permite o desenvolvimento global, e uma visão de mundo mais aberta e concreta dos fatos da realidade, podendo através da criatividade expressar, analisar, criticar e instigar o contexto, valorizando o ensino e a relação interpessoal dos alunos da EJA. Do mesmo modo as atividades lúdicas podem auxiliar uma aproximação entre o que os alunos vivem em suas experiências cotidianas e os conteúdos escolares.

Diante dessa compreensão, o brincar e o jogar são atos desenvolvidos pelos alunos, onde eles podem ampliar a linguagem, o pensamento, a imaginação, a socialização, a iniciativa e a autoestima. Nesse aspecto, o jogo e a brincadeira, são por si só, uma situação de aprendizagem, que se dá com o comportamento habitual vivido no cotidiano deles.

Essa colocação nos leva a compreender que todas as atividades desenvolvidas com os alunos envolvendo o lúdico na EJA, podem fluir no processo ensino e aprendizagem. Assim, a atividade lúdica é uma situação em que o aluno realiza, constrói e se apropria de conhecimento das mais diversas ordens. Ela possibilita, igualmente, a construção de categorias e a ampliação dos conceitos das áreas do conhecimento. Neste aspecto, o lúdico assume um papel didático e pode ser explorado em todas as atividades.

Ao brincar, o aluno aprende a seguir regras, experimenta diferentes formas de aprender a dinâmica de jogos, descobre o mundo ao seu redor com mais prazer, encontra seus pares e interage socialmente, descobrindo, desta forma, que não é o único sujeito da ação, e que para alcançar seus objetivos, precisa considerar o fato de que outros também têm objetivos próprios (TEIXEIRA, 2010)

4.1 O JOGO, O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA NA EJA

Na escola, nos lares, desde cedo, também temos a necessidade de brincar como fonte de socialização e interação com as pessoas, e essa experiência leva ao conhecimento e descoberta de tudo que gira a nossa volta. Esse complexo processo

traz muitos desafios a nós e aos professores que se dedicam a questão. Teixeira (2010) diz que “a atividade lúdica possui um fim em si mesmo, isto é, ela é diferente de uma atividade didática e não se destina à realização de um objeto pré estabelecido” (p. 44).

Ainda para contribuir com essa reflexão, Teixeira, (2010) afirma que:

o jogo, o brinquedo e a brincadeira são analisados e estudados na pedagogia, tendo em vista as possibilidades práticas de sua utilização no processo de ensino aprendizagem. Brincar é uma situação em que se constitui significados para assimilação dos papéis sociais e compreensão das relações afetivas que ocorrem em seu meio, bem como para a construção do conhecimento (p. 44).

A esse respeito, conforme Wallon (2007), o brincar passa por estágios que vão das brincadeiras puramente funcionais, passando pelas brincadeiras de ficção, de aquisição e de fabricação. E, neste aspecto, é que as crianças fantasiam, imaginam e transformam qualquer objeto em sua matéria prima. Contudo, os adultos embora já se encontrem em maturidade também poderão manifestar a arte do brincar, entretanto é importante compreender a maneira como a Ludicidade pode auxiliar a aprendizagem de alunos adultos.

Nesse aspecto destacado, o brincar é visto como uma situação em que o aluno constitui significados para assimilação dos papéis sociais e compreensão das relações afetivas que ocorrem em seu meio, bem como para a construção do conhecimento. A atividade lúdica, é uma situação em que o aluno realiza, constrói e se apropria dos mais diferentes conhecimentos. Ela possibilita, igualmente, a construção de categorias e a ampliação dos conceitos das áreas do conhecimento.

Destaca-se nesse contexto, que os alunos, por meio dos jogos, brinquedos e brincadeiras, são desafiados a aprender e isso contribui com mais facilidade para o processo de ensino e aprendizagem da EJA, na formação de atitudes sociais como cooperação; socialização; respeito mútuo; interação; lideranças e personalidade, que favorecem a construção do conhecimento do educando.

Assim posto, compreende-se que, por meio de materiais manipuláveis, o aluno constrói o seu universo, manipulando-o e trazendo para a sua realidade situações diferenciadas. O brincar possibilita o desenvolvimento, não sendo somente

um instrumento didático facilitador para o aprendizado, já que os jogos, brincadeiras e brinquedos influenciam em áreas do seu desenvolvimento como: motricidade, inteligência, sociabilidade, afetividade e criatividade.

A capacidade de brincar abre um espaço de decifração de enigmas, além de propiciar o conhecimento de forma natural e agradável, como meio de estimular a socialização, possibilitando à eles agir de forma mais autônoma. Nesse sentido, jogos, brinquedos e brincadeiras não são apenas um entretenimento, mas uma atividade que possibilita a aprendizagem de várias habilidades, tornando-se prazeroso para os alunos, pois assim o professor pode interagir com o lúdico, concretizando os jogos, brinquedos e brincadeiras não apenas como recursos pedagógicos em sala de aula, mas como o despertar de diferentes conhecimentos.

A esse respeito sintetiza Huizinga (2010) diz que:

o jogo é uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou de outros meios semelhantes (HUIZINGA 2010, p. 16).

Posto dessa forma, acredita-se em um desenvolvimento de atividades que ao ser dirigida, em uma organização formal e produtiva. Assim, pode-se pensar por exemplo, que os brinquedos cantados ou jogos com música consistem em usar o próprio corpo para brincar e se divertir, não sendo necessários instrumentos ou equipamentos para tal. Defendendo essa concepção Novaes (1987) cita “o ato de brincar está profundamente arraigado em cada povo, cuja identidade cultural pode ser encontrada nos jogos e brinquedos que criou” (NOVAES, 1987).

Dito assim, entende-se que os muitos tipos de brinquedos e brincadeiras são próprios de cada cultura e povo, assim, por meio de materiais lúdicos, o aluno constrói o seu universo, manipulando-o e trazendo para a sua realidade situações inusitadas do seu mundo imaginário.

Huizinga (2010) descreve o significado do jogo definindo que :

jogo é o fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais... brincam tal como os homens. Bastará observar os cachorrinhos para constatar que, em suas alegres evoluções encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano (p.3).

Diante dessa interpretação, pode-se entender jogo com diferentes sentidos, inclusive denominando-os de materiais lúdicos, alguns são chamados de jogos, outros são chamados de brinquedos. Para entender melhor coloca Kishimoto (2011, p. 18) em seu livro “Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação”, dando a significação do termo jogo, e aponta três níveis de diferenciações: “O jogo pode ser visto como resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; pode ser um sistema de regras; ou ainda, um objeto”.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que, por meio do brincar, os seres humanos contribuem para a sua formação, possibilitando compreender diferentes características sociais, culturais e folclóricas de seu cotidiano. Com isso, a brincadeira basicamente se refere à ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada; o jogo é compreendido como uma brincadeira que envolve regras; brinquedo é utilizado para designar o objeto de brincar.

A esse respeito Santos (2011) pontua que:

Do ponto de vista filosófico, o brincar é abordado como um mecanismo para contrapor à racionalidade. A emoção deverá estar junta na ação humana tanto quanto a razão. A expressão lúdica tem a capacidade de unir razão e emoção, conhecimento e sonho, formando um ser humano mais completo e pleno;

Do ponto de vista da criatividade, tanto o ato de brincar, como o ato criativo estão centrados na busca do ‘eu’. É no brincar que se pode ser criativo, e é no criar que se brinca com as imagens e signos, fazendo uso do próprio potencial;

Do ponto de vista pedagógico, o brincar tem-se revelado como estratégia poderosa para o aprendizado, constituindo-se numa peça importantíssima na formação da personalidade, nos domínios da inteligência, na evolução do pensamento e de todas as funções mentais superiores, transformando-se num meio viável para a construção do conhecimento (pp.112-115).

Com essa reflexão, acredita-se que, para atuar na Educação de Jovens e Adultos, é necessário conhecer bem suas características e seus direitos, conhecer a

metodologia própria para atuar com segurança pedagógica, bem como ter conhecimento da legislação que ampara a questão e respalda o trabalho pedagógico. Por isso, entende-se que, os jogos, o brincar, sempre tiveram e terão um papel importante na vida escolar de alunos, e estão presentes na história da humanidade, na construção cultural e social de um povo.

Todavia, é preciso investir no lúdico como aspecto essencial para uma escola que se propunha não somente ao sucesso pedagógico, mas também à formação do cidadão, porque a consequência imediata dessa ação educativa é a aprendizagem em suas dimensões; social, cognitiva, relacional e pessoal.

4.2. O LÚDICO NO ENSINO DA MATEMÁTICA NA EJA

Destaca-se que o ensino da matemática na EJA como um processo envolvido por desafios e potencialidades no contexto educativo. E como a matemática é um componente curricular em que muitos estudantes apresentam resistência, dificuldades e queixam-se da limitada aplicabilidade no cotidiano, consideramos necessário empreendermos uma discussão com esse foco no processo educativo.

De acordo com as Diretrizes para o Ensino da Matemática (MEC, 2006), um dos desafios do ensino da matemática é a abordagem de conteúdos para resolução de problemas. Trata-se de uma metodologia pela qual o estudante tem oportunidade de aplicar conhecimentos matemáticos adquiridos em novas situações, de modo a resolver a questão proposta.

Com a utilização do lúdico em sala de aula, a contribuição não é só para mudar a rotina de ensino, como também despertar o interesse dos alunos, aumentar a motivação para a aprendizagem, desenvolver a organização, a autoconfiança, a atenção, concentração, o raciocínio lógico-dedutivo, o senso cooperativo, bem como desenvolver a socialização dos alunos em sala.

Na disciplina de Matemática, a utilização do lúdico na complementação dos assuntos trabalhos é ainda mais importante, por essa matéria ser tão rejeitada pela maioria dos alunos e precisar de subsídios motivadores para o ensino.

Para isso, a discussão acerca das potencialidades do uso de jogos e atividades lúdicas como facilitadoras do processo de aprendizagens dos estudantes

da EJA, nessa disciplina é impar. Os jogos apresentam correspondência direta com o pensamento matemático, pois ambos têm regras, operações, instruções, deduções, definições e ainda utilizasse de normas e obtêm novos conhecimentos, que seriam os resultados.

Os jogos lúdicos podem tanto ser utilizados para amadurecer conteúdos e aprofundar os itens já trabalhados, adquirindo conceitos matemáticos importantes, como também para introduzir algum conteúdo que ainda não tenha sido abordado.

Para tanto, ressaltamos a importância de considerarmos as dificuldades dos estudantes da EJA, em matemática, seguindo as ideias de Vanin e Darsie (2011) sobre os transtornos que a Matemática tem causado entre jovens e adultos, por isso abandonaram a escola quando criança ou adolescentes. Nesse pensar dos autores é pela adequação das metodologias dos professores que se efetive a consciência de suas ações e descoberta de novas maneiras de ensinar aprendam pela Matemática.

Nessa perspectiva, os professores são mediadores entre o conhecimento matemático e seus alunos, daí a necessidade de que estes saibam conduzi-los em suas buscas tornando o ensino investigativo e os conhecimentos descobertas próprias. Para tanto, os conteúdos matemáticos devem ter uma relação de reciprocidade com a vida em sociedade, para isso a contextualização dos conhecimentos faz-se necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que o contato com a sala de aula da EJA, foi muito importante para a análise sobre as diversas dificuldades enfrentadas pelos alunos, bem como as relações que são construídas nesse espaço, buscando entender como elas influenciam diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Assim, ao discutir com base nos referenciais sobre o lúdico no ensino da Matemática da EJA, percebemos que a Ludicidade pode tornar-se um subsídio contra a evasão escolar, cujos argumentos apontam características e razões que influenciam negativamente, neste aspecto, os quais destacam-se:

✓ Novaes (1987) vê o ato de brincar como algo que está arraigado no povo, cuja identidade cultural pode ser encontrada, reconhecida e despertada em atividades pedagógicas a partir de uma metodologia lúdica em sala de aula.

✓ Para Gadotti e Romão (2002) a formação de professores, tanto em nível médio quanto superior, não se volta para o campo específico da EJA, consequência disso, a falta de uma referência curricular na formação dos professores conduz a práticas desvinculadas da realidade dos alunos adultos, distanciando-os do saber escolar formando pessoas passivas e sem visão crítica.

✓ Em Brasil (2004) percebe-se que a variedade de contexto da clientela exige diferentes formas de envolvimento e diversas formas de aprendizagem, por isso há a necessidade de o currículo escolar atender essas peculiaridades, a partir de adaptações tanto metodológicas quanto avaliativas, de modo a estimular os alunos a permanecerem e se envolverem com sua aprendizagem.

✓ Libâneo (2004), por sua vez chama atenção sobre a influência do modelo econômico que massifica os professores como profissionais da educação que vendem sua força de trabalho repercutindo na sua qualificação profissional, nos sistemas de ensino e nas escolas, o que conseqüentemente, reflete no processo de ensino e aprendizagem, que por vezes ocorre sob o peso dessas relações capitalistas, pelas quais os professores são conduzidos a agir sem planejamento e insatisfeitos com sua prática, prevalecendo assim, as metodologias conteudistas, seletivas e excludentes.

✓ Embora a EJA venha progredindo gradativamente garantida pela Lei nº 10.880 de 2004, o que realmente tem se percebido é a ampliação da oferta de vagas na educação fundamental pública de jovens e adultos, contudo, a escola pública ainda não conseguiu garantir o acesso e a permanência com qualidade, é necessário que os currículos ofereçam um processo de ensino e avaliação que contemple as condições dos estudantes trabalhadores, de modo que embora muitos reconheçam a importância da escola, mas não sentem motivados para participar dela.

✓ Teixeira (2010) ao referir a atividade lúdica afirma que esta possui um fim em si mesmo, o que significa que a atividade lúdica pode trazer um objetivo de aprendizagem desde que esta esteja intrinsecamente ligada ao que se propõe ensinar. Nesse aspecto, Teixeira considera o jogo, o brinquedo e a brincadeira como possibilidades de aprendizagem constituindo significados para assimilação dos papéis sociais e compreensão das relações afetivas e para a construção do conhecimento, o que significa dizer que a ludicidade possibilita um processo de ensinar e aprender com prazer e com significado real.

✓ Para Huizinga (2010), o jogo pode auxiliar uma tomada de decisão, que embora ocorra de forma lúdica, também obedece regras e estimula a produção, promove a formação e fortalecimento de grupos sociais e a formação da cidadania. Pelo jogo prevalece a cultura, daí a importância dessa atividade para a vida humana.

✓ Santos (2011) destaca os aspectos filosóficos, da criatividade humana e pedagógicos como possibilidade de vivência, criatividade e estímulo à aprendizagem.

✓ E, Vanin e Darsie (2011) evidenciam a importância da autoestima em relação a disciplina de Matemática, que por ser considerada muito difícil é causadora da distância entre os jovens e adultos e a escola.

Dito assim, entende-se que os muitos tipos de brinquedos e brincadeiras são próprios de cada cultura e cada povo, cabe aos professores selecioná-los e envolvê-los em suas práticas. Assim, por meio de materiais lúdicos, o aluno constrói o seu universo, manipula-o e traz para a sua realidade situações inusitadas do seu mundo imaginário e isso enriquece a aprendizagem.

Percebe-se também, nos depoimentos dos alunos certo descrédito no poder público, na escola, na gestão, nos professores e no próprio sistema que em vez de contribuir para minimizar as dificuldades, vez e outra exclui cada vez mais.

Por conta disso, é visível que é uma “batalha” dos estudantes de EJA manterem-se na escola, mas acredita-se que pode-se com a questão-problema de nossa pesquisa, e a reflexão dos fundamentos teórico-metodológicos discutidos pelos autores, contribuir com uma prática mais real, aceita e confortavelmente vivida ‘pelos’ e ‘para’ os alunos da EJA, para que assim, a escola possa ser realmente um espaço de mudança de vida como evidenciou um dos estudantes entrevistados.

Este estudo me trouxe ricas contribuições tanto no sentido prático, pelo contato direto com aquela turma de 4ª etapa de EJA, na qual confirmou-se algumas percepções que já se manifestavam na minha formação como Licenciando em Matemática, e enquanto professor em formação surgiu o reconhecimento da necessidade de estar disposto a mudar sempre para atender as expectativas dos meus futuros alunos.

Bem como, no sentido teórico, pela aproximação dos referenciais da EJA que fundamentam essa modalidade de ensino e as características que esta apresenta exigindo aprofundamento teórico sobre a mesma, e ainda, referenciais que orientam sobre a prática lúdica na EJA para melhoria da qualidade do ensino.

Assim, este trabalho de forma simples e breve fortalece a necessidade do meu aprimoramento contínuo na formação docente, de modo a buscar outras qualificações na área da Educação de Jovens e Adultos, e concomitantemente, aprimoramentos sobre a prática lúdica nesta modalidade de ensino, porque ser professor é buscar incessantemente novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares**. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1997.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2002.

_____. **Plano decenal de educação para todos**. Brasília: MEC, 1993 - versão acrescida 136 p.

_____. **Lei 10.888 de 9 de junho de 2004**. Institui o Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar - PNATE e o Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos, dispõe sobre o repasse de recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado, altera o art. 4º da Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996, e dá outras providências.

_____. **Lei nº 13.005, de 02/06/2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – **PNE** e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 01 nov. 2017.

_____. **Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: DF. 1961. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=75529.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora. 2010.

CARVALHO, O. F. **Educação e Formação Profissional**: trabalho e tempo livre. Brasília: Plano Editora, 2003.

FEITOSA, G. M. A evasão escolar no segundo ano da unidade escolar Mário Martins. Campina Grande, **REALIZE** Editora, 2012. Disponível em

http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/dd85d4f706e9c3c93518421db93a70b4_1506.pdf. Acesso em 05/07/2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa, 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. **Brincar**: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna. 1996.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. Guia da Escola Cidadã vol. 5. 2ªed. SP: Cortez: Instituto P. Freire, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. SP: Atlas, 1999.

GHIRALDELLI J, P. **História da educação brasileira**. 2. ed. SP: Cortez, 2008.

GROENWALD, C. L. O.; TIMM, Ú. T. Utilizando curiosidades e jogos matemáticos em sala de aula. **Educação Matemática em Revista** (Rio Grande do Sul), UNIVATES, v. 1, n. 2, p. 21-26, 2000.

HUIZINGA, J. H. L: **O jogo como elemento da cultura**. Tradução: João Paulo Monteiro. 6ª ed. - São Paulo, Perspectiva, 2010.

JESUS MARTINS, A. M. F. ; MELO, F. S. **O papel da gestão democrática frente à evasão escolar na educação de jovens e adultos**. 2012.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 14 ed. São Paulo, Editora Cortez, 2011.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas. 1996.

LIBANEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola** – teoria e prática. Goiânia: Ed. Alternativa, 2004. 309 p.

_____. [et al.]. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. 6a ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LÜDKE, M., & André, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. SP, SP: EPU, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. SP: HUCITEC, 2007.

NOVAES, I. C. **Brincando de Roda**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SANTOS, V. M. Ensino de matemática em debate: sobre práticas escolares e seus fundamentos. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 74, p. 5-8, jan./abr. 2008 5. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 15. dez. 2017.

TEIXEIRA, S. **Jogos, Brinquedos, Brincadeiras e Brinquedoteca**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2010.

VIEIRA, M. C. Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos. Volume I: **Aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil**. Universidade de Brasília, Brasília,

VYGOTSKY, L. S. [et al.]. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da Criança**. SP; Martins Fontes, 2007.

VANIN, L.; DARSIE, M. M. P. Perspectivas metodológicas para o ensino de matemática no Primeiro segmento da educação de jovens e adultos. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2., 2011, Ijuí. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.projetos.unijui.edu.br/matematica/cnem/cnem/principal/cc/PDF/CC10.pdf> >. Acesso em: 12 jan. 2017.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE MATEMÁTICA

PERGUNTAS PARA A PROFESSORA

- 1 – Percebemos durante os estágios que os alunos faltam muito as aulas e os que frequentam saem muito da sala de aula, isso lhe incomoda? Porque você acha que eles se comportam assim?
- 2 – Embora alguns alunos demonstrem certo distanciamento do processo de ensino e aprendizagem, como você se sente contribuir com a aprendizagem dos mesmos?
- 3 – O que você acha que provoca a evasão dos alunos?
- 4 – Se você pudesse mudar em suas práticas para segurar os alunos em sala o que você mudaria?
- 5 – Professora você nunca pensou em utilizar jogos, algumas atividades lúdicas para motivar os alunos?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE MATEMÁTICA

PERGUNTAS PARA OS ALUNOS

- 1 – Como você se sente ao retornar a escola depois de algum tempo?
- 2 – O que vocês acham das aulas de Matemática?
- 3 – O modo como a professora ensina auxilia na compreensão dos assuntos?
- 4 – Como vocês gostariam que fossem as aulas de Matemática?
- 5 – O que você acha que provoca a evasão dos colegas?